

INTER-LEGERE

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada
Emily Mel Fernandes de Souza

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada

Camille Claudel – 1915. Direção: Bruno Dumont. Wild Bunch, 2013, 96 min.

Emilly Mel Fernandes de Souza¹

Este texto propõe discorrer sobre um tocante e belíssimo filme feito na França em 2013. Produzido por Bruno Dumont, este filme, ao longo dos seus aproximadamente 96 minutos, narra uma parte da história – talvez a mais triste – de Camille Claudel, grande escultora do século XIX.

Camille Claudel – 1915, assim intitulado o filme, inicia-se quando Camille já está internada em um sanatório, do qual só irar sair quando falecer, após 30 anos de confinamento. Camille, apesar de apresentar um quadro delirante de perseguição, sempre teve todas suas outras funções intactas e, com o passar do confinamento, sua ideia persecutória foi diminuindo ano após ano, porém, a vontade de sair de tal lugar, de reencontrar sua família e seu “amado irmão” nunca desapareceram, mas também esses desejos nunca foram atendidos, mesmo suplicando em todas as cartas enviadas aos familiares (WAHBA, 1996).

Diante de uma adolescência brilhante, com incentivo do pai, sua aptidão para esculpir só melhorou e se aprimorou com o passar dos anos, até que Camille chega a conhecer um dos maiores escultores da época: Auguste Rodin. Ao encontrá-lo e conhecê-lo, Camille se apaixona e os dois então vivem um relacionamento amoroso. Entretanto, existia um detalhe: Rodin era casado e este fato, aliado ao machismo da época e ao amor incondicional de Camille, farão com que ela entre em colapso financeiro e infelizmente em colapso mental também (WAHBA, 1996). Cabe destacar que:

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: emilly.fernandes.psi@gmail.com.

INTER-LEGERE

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada
Emily Mel Fernandes de Souza

Camille teve tanto sua carreira impulsionada quanto obscurecida pelo romance que teve com o também escultor Rodin. Se ao lado dele ampliou as oportunidades de divulgação da sua obra, por estar ao seu lado pairava uma suspeita sobre sua autoria ou mesmo autenticidade de seu trabalho. A fim de viver seu amor, Camille seguiu a trajetória de Rodin, abdicando do que poderiam ser suas opções profissionais. (LIMA, 2011, p. 8)

A escultora foi julgada pela mídia machista da época porque era “amante” de Rodin, tanto que foi vítima de um julgamento moral por este fato, mas não só por isto. O machismo que imperava na época, o que contribuía para que muitos não a vissem como uma “gênia” da arte que podia se equiparar ou superar Rodin, simplesmente pelo fato de ela ser uma mulher, foi um elemento também que fez que sua carreira declinasse e que ela chegasse a ruína (PAIVA, 2017). Camille, afinal, era uma mulher brilhante em uma profissão dominada por homens, no qual seu trabalho sempre estava associado ao de Rodin, mas de forma subalterna, mesmo ela tendo igual talento e aptidão para esculpir.

Duarte (1997) ao fazer uma revisão sobre as obras e produções intelectuais de diversas mulheres – as quais simplesmente sumiram da história, seja porque um de seus cônjuges ou parentes masculinos as integraram a obra deles, seja pelos diversos contextos arredios que se colocaram no caminho dessas mulheres – cita a obra da referida artista plástica Camille Claudel. A autora aponta que Camille Claudel, ao acusar seu amante e velho mestre Rodin de se apropriar e de expor alguns trabalhos feitos por ela, chega a um desfecho trágico, porém já esperado: “o fim da vida de Camille é semelhante ao de dezenas de mulheres que ousaram revelar alguma criatividade: foi considerada louca e internada num asilo, onde passou parte de sua vida até falecer” (DUARTE, 1997, p.88).

Então, esse final era esperado devido a vários fatores, pois ela estava sem apoio da família – principalmente de sua mãe que a rejeitou ainda mais ao saber de seu caso com Rodin –encontrava-se sem poder sustentar sua arte, os materiais eram dispendiosos e os trabalhos nunca chegavam, e também fora deixada de lado por quem amara e se dedicara, como seu velho mestre

INTER-LEGERE

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada
Emily Mel Fernandes de Souza

Auguste Rodin. Camille acabou se enclausurando em seu ateliê, encontrando-se em situação deplorável, vivendo em extrema pobreza, e saiu de lá apenas quando fora levada a força por enfermeiros para ser internada (GRAMARY, 2008).

No filme, o frio toma conta de todas as cenas no sanatório, nas quais vemos que o rosto de Camille sempre é tocado por correntes de ar que vão e vêm, e que a sensação de ar gelado é constante. Esse elemento é fiel ao que é trazido por Wahba (1996). A autora traz em seu livro as cartas redigidas, dentro do sanatório, por Camille a seus familiares, nas quais alega que o frio é um elemento constante e que chega a congelar seus dedos a ponto de ela nem mais senti-los.

Como fruto de suas ideias persecutórias, Camille passou a não aceitar que cozinhassem para ela, tanto que ela passou a preparar suas próprias refeições, limitando-se muitas vezes a comer simplesmente ovos cozidos com batatas. Também nunca mais voltou a esculpir, apesar deste sanatório deixar argila a sua disposição (WAHBA, 1996). Seria cômico senão fosse trágico o fato de deixarem argila para ela, pois a privaram de sua vida em liberdade, tolheram toda sua criatividade e apagaram sua subjetividade. Como neste estado ela poderia voltar a esculpir?

Outro ponto marcante do filme é a intensa vontade de Camille de sair do sanatório e ir ao encontro de sua família, a qual trava uma discussão com o médico do recinto sobre a condição da escultora e sua posterior saída. A angústia de Camille é profunda e se aflora diante da presença do irmão Paul. Manter Camille presa no asilo até o final de sua vida não era simplesmente uma obrigatoriedade – pois do ponto de vista dos laudos médicos essa questão não se justificava porque ela não transparecia mais sinais de delírios psíquicos –, mas sim uma escolha deliberada não só de sua mãe como também de seu irmão Paul Claudel (COSTA, 2015). Ainda sobre isso:

por indicação da mãe, cujo comportamento foi de uma dureza implacável, foi impedida de enviar ou receber qualquer correspondência; mas o que reflete ainda uma crueldade maior é que a mãe impediu também qualquer saída de Camille do internamento,

INTER-LEGERE

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada
Emily Mel Fernandes de Souza

apesar das recomendações em sentido contrário vindas de vários dos psiquiatras que acompanharam a doente. É verdade que as cartas que Camille escreveu – e que nunca foram enviadas, ficando arquivadas no processo clínico – permitem concluir que manteve o delírio até ao fim da sua vida, mas isso provavelmente não teria sido um obstáculo definitivo para a sua saída do hospital, pelo menos como tentativa de ensaio. (GRAMARY, 2008, p. 48.)

Trinta anos se passaram e, em 1943, aos 78 anos, Camille Claudel, a mulher de talento inestimável e potencial escultora, fenece da maneira como nunca quis, se tornando mais um simples número de um sanatório (WAHBA,1996). Na astronomia costuma-se dizer que quanto maior a estrela, mais trágico será o seu fim. Essa metáfora parece se adequar a história de Camille, infelizmente.

Para finalizar, e a título de informação, foi realizada uma exposição na França, precisamente em 2014 na cidade de Roubaix, sobre a vida e obra de Camille. A exposição intitulada “*Camille Claudel – Au Miroir d’un Art Nouveau*” agregou mais de 90 obras da autora e ficou disponível de 8 de novembro de 2014 a 8 de fevereiro de 2015 (COSTA, 2015). Este fato mostra que nem Rodin, nem seu “bando” conseguiram impedir na atualidade a beleza e o sucesso das obras de Camille cuja arte foi um importante legado que ela nos deixou. Grande artista, triste história.

Referências

CAMILLE Claudel– 1915. Direção: Bruno Dumont. Produção: Rachid Bouchareb e Jean Bréhat. Intérpretes: Juliette Binoche, Jean-Luc Vincent, Emmanuel Kauffman, Marion Keller, Robert Leroy, Armelle Leroy-Rolland e outros. Roteiro: Bruno Dumont. França: Wild Bunch, 2013. 1 DVD(96 min), son., color., 35 mm.

COSTA, Ana Priscila. **Camille Claudel na historiografia da arte: uma revisão à luz dos estudos feministas**. 2015. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:<<https://goo.gl/HVAeVa>>. Acesso em: 15 set. 2017.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma. **Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos. 1997. p. 85-94.

INTER-LEGERE

CAMILLE CLAUDEL: uma vida enclausurada
Emily Mel Fernandes de Souza

GRAMARY, Adrian. Camille Claudel, a suplicante. Reflexões sobre um caso de paranóia. **Saúde Mental**, Linda-a-Velha, v. X, n. 1, p. 44-50. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/9ckxBQ>>. Acesso em: 16 set. 2017.

LIMA, Betina Stefanello. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, Niterói, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/veyC7D>>. Acesso em: 16 set. 2017.

PAIVA, Vitor. Ofuscada por Rodin e pelo machismo, finalmente Camille Claudel ganha seu próprio museu. **Hypeness**, [S.l.], 15 abr. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/XfMdaQ>>. Acesso em: 15 set. 2017.

WAHBA, Liliana Liviano. **Camille Claudel**: criação e loucura. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.